

UM RIO MORTO



O lendário Rio Pajeú, inspiração dos poetas, dos cantadores, dos compositores (as) e cantores (as) é a junção de vários riachos, dos rios São Pedro e São José que, após a ponte dos Grossos (distrito de São José do Egito) recebe a legenda rio do Feiticeiro (língua cariri), ou mais precisamente, Rio Pajeú. As suas águas têm origem nos contrafortes do planalto da velha Borborema paraibana, e serpenteando, vai se constituindo por onde passa, como o Rio da Poesia, da Música, dos famosos cangaceiros Antônio Silvino e Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião. No seu lado esquerdo, no Estado da Paraíba, nascido na serra de Jabitacá, desce o Rio Paraíba do Norte que, corta o Estado de José Lins do Rego e vai desembocar no estuário de Cabedelo, abraçando-se com o Atlântico. Na pequena distância de alguns quilômetros do Pajeú, no sentido Leste, desce o rio Moxotó, rasgando o solo árido de uma microrregião de vegetação rala e de árvores de médio e baixo porte. Percorrendo alguns quilômetros, o rio Moxotó se abraça com o rio Pajeú e desce para o município de Floresta do Navio, e finalmente, desemboca no rio da integração brasileira, o grande Velho Chico. Então, eis as três ribeiras das regiões Cariri, Pajeú e Moxotó, riquíssimas em cultura e história.

O rio São José é o maior afluente do rio Pajeú. Como eu disse antes sobre sua origem, ele passa no município de São José do Egito trazendo as águas da Borborema paraibana. A minha infância e adolescência, enquanto mundo vivido, está intrinsecamente ligada a todo universo que compõe o rio citado. Meus pais tinham um sítio logo após a ponte, na saída da cidade rumo ao Recife.

Além de cuidar da terra, como plantar, limpeza do roçado e colher a produção do milho e feijão, eu também, tal qual os gregos antigos, fui um pastor de ovelhas. Nesse sentido, enquanto há milênios os pastores-filósofos gregos pensavam a natureza, eu nas margens do rio São José, nos anos 1970, jogava o anzol da ludicidade criança para pescar um mundo de ilusões, de fantasias e de esperanças.

O rio da minha aldeia, parafraseando o poeta Fernando Pessoa, para mim, na época infanto-juvenil, era o maior rio do mundo. No entanto, como os rios do semiárido nordestino (fora o São Francisco), o rio São José só tem água no período do inverno chuvoso, quando o índice pluviométrico é considerável. Contudo, há de se considerar que até perto do final do século XX as chuvas no semiárido eram mais frequentes do que no atual século XXI. No século passado, para cada década, tinha um ano de seca, isto é, chuvas abaixo dos 400 milímetros anuais. No século XXI, até esse momento (2023), em uma década, no máximo, tem três anos chuvas razoavelmente boas em algumas microrregiões do semiárido nordestino. Isso vem acontecendo devido os fatores globais de agressão à natureza, no sentido bem amplo.

Na período infanto-juvenil da minha existência, quando o horizonte escurecia, repleto de nuvens carregadas, o relâmpago clareando e jogando raios, para logo após os trovões tremerem a terra, meu coração acendia as luzes da certeza da chuva e os trovões eram estrondos no meu peito sertanejo. Eu sabia que muito em breve o rio São José iria esbravejar no seu leito as águas barrentas, inundando as ribeiras e transbordando os açudes no seu percurso. Assim que o dia amanhecia, da calçada da minha casa, na rua João Pessoa, no centro da cidade, eu via por sobre os telhados da rua do 'Arranco' as águas passando em grande volume. A alegria inundava meus olhos de felicidade, pois como todo sertanejo, sabia que o ano seria de fartura para a vida ribeirinha.

Com remelas nos olhos, tomava um rápido café e corria para vê o rio. Era um espetáculo assistir a ferocidade do rio São José fazendo remansos, ondas,

arrastando galhadas, abraçando o riacho dos “porcos”, derrubando barreiras, exigindo mais largura para correr com mais fluidez, sem se importar com o que estava à sua frente. Nesse momento de imensa alegria, parecia que passava dentro de mim um amazonas transbordando meu coração de felicidade. Nesse tempo eu ficava imaginando para onde iria tantas águas. Tudo para mim estava ligado à geografia sentimental, e eu não tinha conhecimento de outros mundos. O lócus, rio São José, era a dimensão da minha existência. Então, seu leito estava nas profundezas da minha alma sertaneja.

Quando passava o período das chuvas, ficavam os poços ao longo do leito. Os mais famosos eram o “*poço da pedra*” e o da “*pitombeira*”, pois tinham uma certa profundidade capaz de ser o habitat dos peixes nativos, como o corró, o mandim, a traíra, o chupa-pedra, a curimatã, o piau e as piabas. Os poços, além de servirem para tomarmos banho, onde dávamos acrobáticos flecheiro e quebra-cabaças, serviam para a pescaria dos peixes citados. A água era limpa, transparente, dando a visibilidade para a gente vê o corró nas saída das locas e jogar a isca bem pertinho da sua boca.

Vários e vários pequenos poços rasos ficavam no leito do rio possibilitando a gente correr dentro dele, fazendo todo tipo de brincadeira e estripulias. Vizinho do sitio dos meus pais, do outro lado do rio, tinha (ainda tem) o sitio de seu Vital, criador do gado e cavalos de raça. Então, eu e “neguinho”, seu filho, na nossa época infanto-juvenil, montávamos nos cavalos (o meu era o da raça pampa, de nome “fantasia”) para fazermos corridas nos rasos e longos poços. Era uma aventura maravilhosa sentir a água se abrindo na nossa frente, banhando nosso corpo e alma. Outra aventura maravilhosa era pegar emprestado da cega Etelvina (morava ao lado do matadouro) a sua cachorra “baleia” e o cachorro “tubarão,” para com eles, no leito do rio, caçarmos os preás gordos, devido o excesso de comida que ficava nas margens do rio.

Ainda, morando em São José do Egito, comecei a assistir a morte do riacho dos porcos, quando o óleo trocado dos carros, no centro da cidade, começou a ser enviado para o seu leito. Na época, ninguém sabia o que era crime ambiental. Essa palavra nem existia. Eu me lembro de ao fazer o percurso, indo para o campo de futebol, de nome “Forasteiro,” vi na água fedorenta e escura a população de peixe morta, podre, boiando nos poços poluídos. Um importante afluente do rio São José, naquela época, estava morto. Na parte do rio São José, antes de passar

debaixo da ponte, o esgoto do matadouro e dos bairros que foram crescendo, aumentaram de forma desastrosa o envio de dejetos e outros tipos de poluição para o leito do rio. Diante dessas agressões, a construção do açude Jureminha II e o aumento dos períodos de seca, as águas do rio São José foram desaparecendo, e a pouca água da chuva fraca, hoje em dia, quando consegue formar um poço, está toda poluída. Prova disso são os aguapés que se vê de cima da ponte.

Até o século passado nas proximidades do rio tinha uma enorme caatinga, tanto no sentido de ir para o Forasteiro, como margeando o rio. Ela era fabulosa, cheia de nambus, juritis, todo tipo de rolinhas e diversos pássaros, roedores e répteis. Caçar, pescar e tomar banhos eram atividades lúdicas que emolduraram a vida de todos nós que vivemos àquele tempo. O rio dava sentido e significado ao povo do sertão do Pajeú. Infelizmente, veio o capitalismo com suas garras vorazes e violentas, sob a égide destruidora da especulação imobiliária. Então, desde o leito do velho açude da nação (leito do riacho dos porcos), a vegetação foi sendo destruída para a construção de residências. E com isso, o riacho dos porcos foi desaparecendo. Na primeira curva do rio São José, logo após o riacho dos porcos, a caatinga no sentido do campo de futebol, o Forasteiro, e a caatinga, no sentido, casa de Dona Nemésia, foram destruídas, e o pior, sem a mínima preservação da mata ciliar. O que era antes uma mata fechada, hoje está cheia de casa, nos dois sentidos. É claro que uma cidade quando vai crescendo necessita de espaços para novos moradores. Dentro de um planejamento urbano responsável é possível ter o desenvolvimento sustentável, em que os animais humanos possam viver em harmonia com os outros animais, vegetação e mananciais hídricos. Um sábio chefe indígena americano disse certa vez: “os rios e florestas antecedem os homens brancos, os desertos os sucedem.”

Infelizmente, ao longo das décadas, o poder público nunca se preocupou com a degradação do rio São José, e por extensão, o rio Pajeú, e por causa disso, o RIO SÃO JOSÉ ESTÁ MORTO. O leito aterrado devido o desmatamento parece uma triste planície dos desertos do velho continente africano. No entanto, é bom está em alerta, pois um dia, pode ser que as chuvas voltem a ser intensa, e toda população que mora no leito ou na margem do riacho do porto e do rio São José vai sofrer com a resposta da natureza, através das enchentes.

Fico triste quando vou à São José do Egito e vejo atual situação do riacho dos porcos e do rio São José. Uma natureza morta, desértica mostra um quadro

de desolação e de abandono. A população não reclama, e resta o meu livro **Águas do Pajeú**, de interesse zero da população de São José do Egito. Uma cidade que não cuida do seu patrimônio geográfico, histórico, estético e cultural, corre o mesmo perigo de um final infeliz, como do seu rio.

Gilmar Leite Ferreira
João Pessoa, 10/05/2023